

Benjamin Abdala Junior

# Literatura, História e Política

Literaturas  
de Língua  
Portuguesa  
no Século xx

## SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO: Os intelectuais e os caminhos da imaginação social: reflexões sobre o neorealismo, hoje . . . . .	13
<i>Ecologia Cultural</i> . . . . .	20
<i>Hegemonia Financeira e Fluxos da Globalização</i> . . . . .	27
<i>Agenciamentos Comunitários e Interações Culturais</i> . . . . .	28
<i>A Administração da Diferença</i> . . . . .	30
1. PRESSUPOSTOS, DA TEORIA À PRÁTICA: “Um conjunto dialético que envolve a antiga metrópole e suas ex-colônias” . . . . .	33
<i>A Modernidade como Estratégia Discursiva</i> . . . . .	36
<i>Contextos para Rupturas</i> . . . . .	38
<i>Articulações entre a Ideologia e a Cultura</i> . . . . .	41
<i>A Dialética Interno/Externo</i> . . . . .	45
<i>Configurações Hegemônicas</i> . . . . .	48
<i>Ideologia e Teoria da Práxis</i> . . . . .	53

<i>Práxis e Correspondência</i> .....	57
<i>Ideologia e Discurso</i> .....	61
2. ARTE ENGAJADA: “O escritor não pode alienar sua perspectiva criativa” .....	71
<i>Produtividade Artística</i> .....	72
<i>Arte Poética</i> .....	75
<i>Intertexto</i> .....	78
<i>Texto e Extratexto</i> .....	82
<i>A Práxis Popular</i> .....	83
<i>Apropriação da Série Literária Nacional</i> .....	85
<i>Desmascaramento Ideológico</i> .....	92
<i>A Perspectiva Militante</i> .....	93
<i>Redução Artística</i> .....	96
<i>Integração e Alteridade</i> .....	103
3. A ESCRITA LITERÁRIA: “Tratava-se de estabelecer um novo poder de linguagem” .....	111
<i>Modernismos</i> .....	112
<i>Vanguarda Artística/Vanguarda Ideológica</i> .....	113
<i>Busca de Raízes</i> .....	117
<i>Gramaticalidade</i> .....	119
<i>Similaridades de Registros</i> .....	121
<i>Raízes Crioulas e Ênfase Social</i> .....	122
<i>Variações Sociolinguísticas</i> .....	123
<i>Próspero e Caliban</i> .....	127
<i>Vozes Plurívocas</i> .....	128
<i>Poder de Linguagem</i> .....	131
<i>Para Além do Controle Linguístico</i> .....	132
<i>Consciência Social da Linguagem</i> .....	135
<i>Os Limites da Gramaticalidade</i> .....	139
<i>O Discurso Educacional</i> .....	146

<i>Linguagem e Comunicação</i> . . . . .	151
<i>Padrões e Rupturas</i> . . . . .	153
<i>Significante e Significado</i> . . . . .	159
<i>Registros da Linguagem Poética</i> . . . . .	162
4. CIRCUITO COMUNICATIVO: “O escritor [...] acaba enredando-se nessas articulações do campo intelectual” . . .	167
<i>Militância mais Explícita</i> . . . . .	168
<i>A Autonomia Relativa do Escritor</i> . . . . .	171
<i>Explicitação Informativa</i> . . . . .	172
<i>Abertura Cultural</i> . . . . .	177
<i>Questão de Fronteiras</i> . . . . .	181
<i>Uma Literatura de Público Abrangente</i> . . . . .	185
<i>Imaginário Popular</i> . . . . .	189
<i>Consciência “Possível” e Crença</i> . . . . .	192
<i>A Ambiguidade Literária</i> . . . . .	196
<i>A Posição do Escritor</i> . . . . .	202
<i>O Espaço Crítico</i> . . . . .	207
<i>Desalienação</i> . . . . .	211
5. OS RITMOS DO TEMPO: “Começou-se a conquistar no plano literário uma nova história” . . . . .	217
<i>Uma Fazenda Selvagem</i> . . . . .	217
<i>Brasil, para Europeus</i> . . . . .	221
<i>O Otimismo “Crítico”</i> . . . . .	222
<i>O Corte da Comunhão</i> . . . . .	225
<i>Os Cravos de Abril</i> . . . . .	228
<i>As Linhas da Vida</i> . . . . .	229
<i>A Escrita Neorrealista</i> . . . . .	232
<i>O Dominante Técnico</i> . . . . .	236
<i>O Levantar da História Social</i> . . . . .	238
<i>O Pulsar das Palavras</i> . . . . .	241

<i>A Balada Coletiva</i> .....	243
<i>O Coro</i> .....	245
<i>O Chão Mestiço</i> .....	249
<i>Nos Ritmos Africanos</i> .....	249
<i>Das Raízes às Copas das Árvores</i> .....	253
<i>Vozes em Expansão</i> .....	261
EM CONCLUSÃO: “A situação de plenitude, a que o sujeito aspira, figura, na palavra escrita, como materialização de um debate mais amplo com a utopia” .....	263
BIBLIOGRAFIA CITADA .....	275

## APRESENTAÇÃO

Os intelectuais e os caminhos da imaginação social:  
reflexões sobre o neorrealismo, hoje

No livro *Literatura, História e Política*, publicado em 1989<sup>1</sup>, procuramos estabelecer bases críticas para a circulação literária entre os países de língua portuguesa. Motivava-nos o estudo comparativo entre os escritores formados na atmosfera ideológica da frente popular antifascista, do período entre guerras, cujas produções continuaram, depois, acompanhando as polarizações ideológicas da guerra fria. Esse livro, de certa maneira, constituiu ponto de convergência de uma formação iniciada em nossa graduação em Letras, nos finais dos anos 1960, que trazia as marcas de situações de ditaduras, a do Brasil e também aquela do salazarismo. Estudar escritores empenhados era para nós uma forma de resistir à alienação e de contribuir para a reflexão crítica na universidade. Foi assim que iniciamos projeto de pós-graduação,

1. *Literatura, História e Política: Literaturas de Língua Portuguesa no Século xx*, São Paulo, Ática, 1989.

em 1971, abordando a obra de Carlos de Oliveira, comparando-a com a de Graciliano Ramos, cujos resultados apareceram depois no trabalho *A Escrita Neorrealista*<sup>2</sup>.

A partir de Carlos de Oliveira, em termos de ensino da literatura portuguesa, viemos posteriormente a ampliar nossos estudos para o conjunto dos escritores que a crítica portuguesa denominava de “neorrealistas”. Entendíamos que este era um rótulo inapropriado para abarcar o conjunto dos escritores portugueses antissalazaristas, com inclinação para o marxismo. Estudar escritores como Alves Redol, José Cardoso Pires, Manuel da Fonseca e tantos outros era uma forma de denunciar o sufoco que vivíamos também em nosso país. Melhor ainda quando os relacionávamos com os escritores brasileiros, rotulados, também de forma insuficiente, de regionalistas.

Vieram depois os estímulos dos cravos de Abril e da independência dos países africanos de língua oficial portuguesa, que tornaram, para nós, Portugal e os países africanos descolonizados horizontes libertários para onde convergíamos nossas aspirações. Importava, nesse sentido, estabelecer bases para uma literatura comparada descolonizada. Um dos primeiros enfrentamentos que tivemos foi com os próprios professores de literatura portuguesa, muito inclinados à visão mítica de um Portugal agrário, construída na perspectiva de um imaginário tradicional, próximo das idealizações dos migrantes portugueses provenientes de regiões rurais. Autores portugueses eram estudados nas universidades brasileiras, sobretudo, em suas possíveis relações empáticas com essas imagens passadiças, ao agrado da ideologia salazarista. Apontavam para um Portugal que existia em suas imaginações e que não figurava nas obras neorrealistas. Felizmente, essas inclinações provincianas já foram em parte descartadas ou atenuadas,

2. São Paulo, Ática, 1981 (Col. Ensaios, n. 73).

po literário estavam voltados para os fios sociais organizados em torno dos estados nacionais. Em nosso trabalho sobre essas tendências, apontamos para a importância de falar em português num mundo onde o inglês se tornara língua franca, tanto em termos culturais como de tecnologia. Logo em seguida, procuramos trazer outros laços para desenvolver estratégias contra o neoliberalismo da globalização, tendo por base os comunitarismos. Centrados no Brasil, enfatizamos perspectivas ibero-afro-americanas. Relevamos assim a região que os árabes chamaram de Al Andaluz, em sentido largo, abarcando Portugal – região de onde provieram os primeiros fluxos migratórios da América hispânica. Uma região híbrida para onde confluem as muitas culturas da bacia cultural mediterrânea. Região de agenciamentos culturais entre a Europa, a África e a Ásia. Um lócus híbrido que se torna ainda mais misturado nas interações ameríndias e com os povos africanos. Um lócus hoje à margem dos centros hegemônicos, que cria condições para perspectivas descentradas, tendo em vista reverter a assimetria da vetorização dos fluxos. E também hábitos culturais arraigados, mesmo em situação de aparente reciprocidade. Lembramos, para ilustrar, nesse sentido, um comentário do crítico cubano Luís Fernando Retamar, que afirmava gostar de alguns críticos europeus que, de maneira simpática, diziam que o Caribe era o Mediterrâneo americano, mas que ficaria muito mais satisfeito se eles viessem a dizer que o Mediterrâneo era o Caribe europeu...

Foi assim que procuramos recuperar o sentido dos gestos dos escritores do novo humanismo que havíamos anteriormente estudado e as novas demandas que se colocam para uma literatura empenhada no competitivo mundo mercadológico desenhado pelo capitalismo financeiro. Como ler essa experiência histórica diante dessa nova modalidade de articulação econômico-social? Sob esse aspecto, vale aqui uma observação: quando se fala em



experiência histórica não se deve buscá-la apenas nos rastros do passado, mas nos gestos, às vezes sonhadores, que embalaram os percursos. Dessa forma, reconstruir o passado implica vê-lo como práxis de afirmação da potencialidade subjetiva e não apenas submissão a uma objetividade teoricamente construída ou imaginada. Ou, como diz António Machado, para valorizar horizontes ibéricos, no Canto XXIX, de *Proverbios y Cantares*:

Caminhante, são teus rastros  
O caminho e nada mais;  
Caminhante, não há caminho,  
Se faz caminho ao andar.  
Ao andar se faz o caminho,  
E ao voltar a vista para trás  
Se vê as marcas que nunca  
Se há de voltar a pisar.  
Caminhante, não há caminho,  
Apenas estelas no mar<sup>3</sup>.

No mar da vida, não há um caminho, mas estrelas que orientam ou estelas (estrelas, marcos) que simbolizam o caminhar. Olhar para trás implica ver marcas, padrões, que não se repetirão. Nesses caminhos, entretanto, poderíamos acrescentar, é possível divisar formas de práxis, que podem levar a inferir o sentido dos impulsos que motivaram atores de outras configurações históricas. As práxis, em suas interações teoria e prática, consubstanciadas em projeto, vão definindo possíveis caminhos para quem não deixa de observar sulcos nas águas do mar ou instantâneos, sempre fulgurantes como tudo que está em movimento, como rastros de estrelas na água, cujas instáveis luzes se elevam no mar da vida.

O título de uma de nossas publicações aponta para interatividades mais amplas: *Fronteiras Múltiplas, Identidades Plurais*<sup>4</sup>.

3. *Poesias Completas*, Madrid, Espasa-Calpe, 1978, p. 200. (Tradução do Autor.)

4. São Paulo, Editora Senac, 2002.